



ORIGINAL ARTICLE

SEXUAL EDUCATION FOR ADOLESCENTS: A PARTICIPATORY RESEARCH
APPROACH IN THE SCHOOLEDUCAÇÃO SEXUAL COM ADOLESCENTES: UMA ABORDAGEM DE PESQUISA
PARTICIPATÓRIA NA ESCOLAADOLESCENTES CON LA EDUCACIÓN SEXUAL: UN ENFOQUE DE INVESTIGACIÓN PARTICIPATIVA EN LA
ESCUELA*Andressa da Silveira¹, Joanita Cechin Donaduzzi², Adriana Dall'Asta Pereira³, Eliane Tatsch Neves⁴*

ABSTRACT

Objective: to characterize the perception of adolescents about sexuality within the school. **Method:** this is a qualitative research, from participatory approach, adopted by the Ethics in Research of the UNIFRA under protocol number 313.2007.2. It had been developed group dynamics and semi-structured questionnaire with adolescents from a public school in southern Brazil, a total of 48 adolescents between 12 and 19 years of age from December 2007 to May 2008. **Results:** the adolescents present themselves uninformed regarding prevention of STD'S, HIV/AIDS and pregnancy, do not talk to parents/family members about their questions about sex and sexuality; value feelings when it comes to staying or dating someone, but denote prejudice and taboos regarding the subject addressed in the study. **Conclusion:** it is recommended the development of educational activities with teenagers in schools, including health professionals, teachers and family to allow for a sharing of ideas and ways of teaching and learning about sex and sexuality. **Descriptors:** nursing; adolescent health; sex education; schools; health education.

RESUMO

Objetivo: caracterizar a percepção dos adolescentes sobre sexualidade no espaço da escola. **Método:** trata-se de uma pesquisa qualitativa, com uma abordagem participativa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFRA, sob número de protocolo 313.2007.2. Foram desenvolvidas dinâmicas de grupo e questionário semiestruturado com adolescentes de uma escola municipal do sul do Brasil, totalizando 48 adolescentes entre 12 e 19 anos de idade no período de dezembro de 2007 a maio de 2008. **Resultados:** os adolescentes apresentam-se desinformados em relação à prevenção de DST'S, HIV/AIDS e gravidez precoce; não conversam com os pais/familiares sobre suas dúvidas acerca de sexo/sexualidade; valorizam sentimentos, quando se trata de *ficar* ou namorar alguém, porém denotaram preconceito e tabus em relação à temática abordada no estudo. **Conclusão:** recomenda-se o desenvolvimento de ações educativas com adolescentes nas escolas, incluindo o profissional de saúde, professores e família, para que haja um compartilhar de ideias e de modos de ensinar e aprender sobre sexo e sexualidade. **Descritores:** enfermagem; saúde do adolescente; educação sexual; escolas; educação em saúde.

RESUMEN

Objetivo: Caracterizar la percepción de los adolescentes sobre la sexualidad en la escuela. **Método:** Se trata de una investigación cualitativa con un enfoque participativo adoptado por la Ética en la Investigación UNIFRA con el número de protocolo 313.2007.2. Se han desarrollado dinámicas de grupo y cuestionario semiestructurado con los adolescentes de una escuela pública en el sur de Brasil, un total de 48 adolescentes de entre 12 y 19 años de edad a partir de diciembre 2007-mayo 2008. **Resultados:** los adolescentes presentan mal informados acerca de la prevención de las ETS, el VIH / SIDA y el embarazo, no hablar con los padres y miembros de la familia, sobre sus preguntas sobre sexo y sexualidad; sentimientos de valor cuando se trata de quedarse o salir con alguien, pero denotan prejuicios y tabúes en relación con el tema tratado en el estudio. **Conclusión:** Se recomienda el desarrollo de actividades educativas con los adolescentes en las escuelas, incluidos los profesionales de la salud, maestros y familiares para permitir un intercambio de ideas y formas de enseñar y aprender sobre el sexo y la sexualidad. **Descriptor:** enfermería; salud de los adolescentes; educación sexual; las escuelas; educación para la salud.

¹Enfermeira. Docente do Centro Universitário Franciscano/UNIFRA. Especializanda em Saúde Coletiva/UNIFRA. E-mail: andressadasilveira@gmail.com; ²Enfermeira do Hospital Municipal de São Pedro do Sul. Mestranda do Curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. E-mail: joanitanurse@yahoo.com.br; ³Enfermeira, professora do Curso de Enfermagem do UNIFRA. Mestre em Enfermagem. E-mail: adrianadap@terra.com.br; ⁴Enfermeira Pediatra. Professora do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da UFSM. Doutora em Enfermagem. Pós-doutora junto a McGill University, Canadá. E-mail: elianev@terra.com.br

INTRODUÇÃO

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação, a saúde deve ser abordada no Ensino Fundamental como um tema transversal, desenvolvendo no educando o senso de responsabilidade por sua própria saúde. Assim, as novas diretrizes de educação sinalizam para a responsabilidade de desenvolver a temática da sexualidade pela Escola. Com isso, os professores têm se deparado com os mais diversificados questionamentos, sejam eles advindos do campo curricular ou pessoal.¹

Acrescido a isso, como um dos reflexos do estilo de vida da modernidade, crianças e adolescentes têm passado a maior parte do tempo na escola ou em contato com professores em atividades escolares. Dessa maneira tem sido bastante comum professores exercerem o papel de educadores, confidentes dos alunos e realizarem o papel de orientador sexual.²

A sexualidade passou a ser uma temática que envolve professores e alunos, deixando de ser um tema restrito a outros ambientes que não a sala de aula. Houve, então, busca por estratégias que deem conta da tarefa de proporcionar a educação sexual a essa clientela, deixando de ser uma temática específica das aulas de Biologia e Ciências para fazer parte das conversas dos alunos, com interesse e curiosidade.¹⁻²

Pesquisas apontam que um dos grandes focos de interesse presente em toda a história da humanidade foi a sexualidade, principalmente o sexo, no sentido de entender a gênese de diversos eventos do mundo, visto que pelo sexo dá-se a criação dos seres. A ideia de nascimento e morte, sempre foi alvo da atenção humana. Por conta do mistério que envolve a origem dos homens, sobretudo entre os antigos, o sexo passa a ser um dos principais meios de análise e questionamento em relação a essa origem.³

Atualmente, os pais dos adolescentes percebem o quanto é importante falar de sexualidade com seus filhos, porém, muitos continuam delegando à escola a função da orientação sexual. Entretanto, a responsabilidade é de todos os cuidadores dos adolescentes.

A sexualidade da criança começa no imaginário dos pais, antes mesmo do nascimento. Os pais têm expectativas em relação a seus filhos, conscientes ou inconscientes, e uma delas diz respeito à sexualidade da criança. Esta ao nascer pode corresponder às expectativas ou não, e se

desenvolverá, conforme for a aceitação em relação ao seu sexo.⁴

Sendo assim, abordar a questão da sexualidade com crianças e adolescentes passa a ser uma necessidade, já que os mesmos buscam informações das mais diversas formas, e muitas vezes recorrem aos meios de comunicação de massa por não obterem as informações em casa ou na escola. Com a globalização, os adolescentes têm acesso a todo tipo de informação, seja por meio da televisão com programas destinados a falar de sexo com o público jovem, pelas revistas ou na rede mundial de computadores (internet). Uma pesquisa de 2006 revelou que 80% dos jovens obtêm informações sobre sexualidade pelos amigos ou televisão.⁵ Tais informações são determinantes na construção de vários significados sociais, pois eles têm acesso a imagens sensuais que podem estimular a erotização e a precocidade das crianças e adolescentes, que tendem a iniciar a vida sexual cada vez mais cedo.

Assim, o educador não deve se omitir, orientando sem passar valores morais reprovadores, como se a curiosidade fosse algo negativo, feio ou pecaminoso.² No entanto, falar sobre sexo nem sempre é uma tarefa fácil nem para os pais nem para os professores, pois muitos creem em mitos e tabus a respeito do sexo. Ainda hoje, o sexo deveria ser visto como normal e saudável e, acima de tudo, agradável, prazeroso, livre e lúdico, porém, não é isto que acontece.⁶

Considerando que a educação e a saúde são espaços de produção e aplicação de saberes destinados ao desenvolvimento humano, entende-se que há uma interseção entre estes dois campos, tanto em qualquer nível de atenção à saúde quanto na construção e aquisição contínua de conhecimentos.⁷ Portanto, faz-se necessário que os profissionais de saúde trabalhem juntamente com os profissionais de educação no que se refere à educação sexual, desmistificando essa temática, visando ao diálogo entre pais e filhos, estimulando o vínculo entre família e escola.

Os enfermeiros possuem papéis fundamentais na atenção à saúde, especialmente, no que se refere às ações de educação em saúde com as populações, visando à promoção de sua saúde. Tendo em vista o potencial articulador desse profissional considera-se que o mesmo possa ser capaz de atuar como agente de mudança, em busca da consolidação de novas práticas de saúde, voltada à integralidade das ações e comprometida com as reais necessidades da população.

Nessa perspectiva, o Ministério da Saúde ressalta a importância das ações de educação em saúde como estratégias eficazes para estimular o debate sobre temas de interesse dos adolescentes. Afirmando, assim, que o atendimento grupal constitui-se numa forma privilegiada de facilitar a expressão de sentimentos, a troca de informações e experiências, bem como a busca de soluções para seus problemas, considerando a característica de adolescentes e jovens de procurar no grupo de companheiros a sua identidade e as respostas para as suas ansiedades.⁸

Dessa maneira o enfermeiro pode se inserir nas escolas, e por meio de atividades de educação sexual com os adolescentes promover uma prática sexual saudável, segura, evitando problemas comuns, como à gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis (IST's). Acredita-se que a problematização e a discussão grupal seja uma estratégia de abordagem dessa temática com os adolescentes. Com isso, pretende-se contribuir para a reflexão sobre a realidade dos mesmos e para a transitividade de consciência segundo Freire.⁹

Nesse enfoque foi objetivo desse estudo caracterizar a percepção dos adolescentes sobre sexualidade no espaço da escola.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem participativa. A abordagem participativa parte da concepção de que a pesquisa é um processo implicado na criação de condições, para que os sujeitos tenham suas vozes reconhecidas de modo participativo e democrático.⁹⁻¹¹

Um dos pressupostos da pesquisa participativa é a prática problematizadora. Essa prática visa a propor ao homem sua situação vivencial como problema, para que ele possa refletir sobre esta situação e ser levado à tomada de consciência.⁹

Para tanto, foram desenvolvidos cinco encontros grupais com adolescentes de uma escola municipal do interior do estado do Rio Grande do Sul com média de 05 participantes por grupo totalizando 48 adolescentes, entre 12 e 19 anos de idade. Os dados foram produzidos entre os meses de dezembro de 2007 a maio de 2008.

No primeiro encontro foi aplicado um questionário com o intuito de aproximação dos adolescentes e de conhecer suas expectativas e conhecimento prévio sobre o assunto. Após, foram desenvolvidos os demais

encontros para a produção dos dados qualitativos.

A condução dos grupos foi inspirada nos Círculos de Cultura de Paulo Freire⁹, respeitando seu conhecimento prévio, promovendo a integração e a amizade entre os adolescentes. Foram utilizados recursos tais como, jogos, vídeos, trabalhos manuais, brincadeiras e dinâmicas, estimulando a expressão das ideias, medos, anseios e dúvidas e o compartilhar de vivências. O uso de dramatizações, apreciação crítica de vídeos, construções de atividades lúdicas, dinâmicas grupais, exposições dialogadas, entre outras, pode estimular a participação do adolescente nas atividades educativas.

Para a realização deste estudo seguiu-se a Regulamentação do Conselho Nacional de Saúde – CSN/Resolução 196/96¹², que normatiza e regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. Todos os aspectos éticos foram respeitados sendo que um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi utilizado, o qual foi assinado pelas direções das escolas/participantes, os quais ficaram cientes de que seus nomes seriam mantidos em sigilo. Assim, a coleta de dados teve início após contato prévio para explanação do projeto e autorização da direção das escolas envolvidas e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), sob o número de protocolo: 313.2007.2.

Para a análise dos dados aplicou-se a análise de conteúdo nos questionários respondidos pelos adolescentes, no primeiro encontro, bem como no *corpus* oriundo da transcrição das gravações dos demais encontros desenvolvidos. Este método visa à verificação de hipóteses, a fim de descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto. O que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo independente do mesmo ser explícito ou latente.¹³

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise dos dados, os resultados foram organizados em categorias temáticas que serão apresentados a seguir.

• O conhecimento dos adolescentes sobre sexo e sexualidade

Os resultados apontaram que os adolescentes tinham interesse em discutir sobre gravidez na adolescência, que gostariam de discutir o sexo na adolescência e, ainda, que consideravam necessário discutir o

relacionamento entre pais e filhos, bem como acerca das discussões a respeito das infecções sexualmente transmissíveis (IST's). Percebeu-se a preocupação dos adolescentes em relação à gravidez precoce, proveniente do uso errôneo ou do não uso dos métodos contraceptivos, assim também como a necessidade de se falar em sexo na adolescência e sobre relacionamento com os pais, fortalecendo a ideia da necessidade de amor que os jovens têm.

Quando os pais respondem uma pergunta sobre sexo, é mais importante a forma como a resposta é transmitida, do que a resposta que eles dão aos filhos.¹⁴ Por vezes, a sexualidade provoca sentimentos não compreendidos e desagradáveis, dificultando a possibilidade de reflexão sobre o tema bem como o diálogo entre pais e filhos.

Embora a sexualidade trate de relações, comportamentos, pensamentos, desejos, mudanças fisiológicas de cada organismo e do sexo, o tema IST's foi o menos lembrado pelos adolescentes. Nota-se que o tema pode estar sendo apresentado para os jovens de maneira inadequada, ou até mesmo que os adolescentes não conseguem relacionar estas infecções diretamente ao ato sexual desprotegido, assim como a gravidez precoce.

Quando os adolescentes foram questionados a respeito de quais infecções podem ser adquiridas pelo contato sexual, verificou-se a falta de conhecimento para distinguir quais doenças que compõem as infecções sexualmente transmissíveis (IST's).

Os adolescentes selecionaram, entre as patologias apresentadas no questionário quais delas seriam doenças sexualmente transmissíveis, com a possibilidade de selecionar uma alternativa ou mais. As patologias selecionadas pelos adolescentes foram: *Papilomavirus (HPV) foi o mais lembrado, seguido de Gonorreia, Malária, Hepatite C, Otite, Sífilis e Leptospirose.*

Dessa forma, por ser um grupo considerado predisposto às ISTs, necessita que sejam desenvolvidos trabalhos educativos multidisciplinares voltados para a prevenção, de maneira a integrar a saúde reprodutiva dos adolescentes de forma ampla e contínua, destituída de julgamentos de valores morais.¹⁰ Poucos buscam informação, ou gostariam de refletir, formar opinião, ou suportar a ansiedade e os conflitos internos que possuem frente ao tema sexualidade.¹⁵

Por se tratar de um tema que instiga a curiosidade humana a respeito de si e do outro, além de estar diretamente ligado às emoções, faz-se necessário conhecer o perfil

do aluno que faz parte da escola, quais são os seus projetos e as suas perspectivas.

Fatores necessários para a primeira relação sexual dos adolescentes foram questionados. Em resposta a este questionamento, os adolescentes acreditam que *gostar da pessoa* é fator necessário para a primeira relação sexual. Conversar com *alguém mais experiente no assunto* e o *uso do método contraceptivo e ser virgem*, também foi apontado como fatores necessários. Outro fator apontado por eles foi *os pais não saberem* sobre a primeira relação sexual. Percebe-se, por meio dos achados, que os adolescentes necessitam de amor e carinho, quando consideram a presença de sentimentos como essencial para a primeira relação sexual. Conversar com alguém mais experiente pode não dizer respeito à família ou aos pais. Possivelmente, seria um colega de aula ou amigo com mais experiência, já que os adolescentes afirmaram a necessidade dos pais não saberem de suas primeiras relações sexuais. O tabu sobre a virgindade favorece a inexperiência das duas partes, e se as mesmas não estiverem bem orientadas aumentariam as chances de uma gravidez indesejável ou até mesmo a transmissão de infecções.

A evolução do jovem no estabelecimento de sua sexualidade madura é um processo complexo e difícil, permeado por conflitos e crises, bem como acompanhado pelo amor e pela paixão.¹⁶ Como o processo de educação é constante, convém reconhecer a importância da família na vida dos adolescentes, e a maneira de entender seus medos, seus tabus, desinformação, ou o excesso de informação. A ação educativa, nesta perspectiva, contribui para a formação de sujeitos éticos e cidadãos e para a transformação da sociedade.¹⁵

• As relações dos adolescentes com a família

A respeito da relação adolescente-família, buscando compreender a função atribuída aos pais na vida destes, a maior parte dos adolescentes responderam que *conversam sobre sexo, drogas, e namoro com os seus pais*. Do mesmo modo, os adolescentes responderam que *seus pais estão sempre ocupados e quase não conversam sobre sexualidade*. Os jovens também evidenciaram a vergonha e os tabus de seus pais, quando responderam: *meus pais têm vergonha de falar sobre sexualidade comigo*. Os resultados obtidos também evidenciaram que nem sempre os adolescentes moram com seus pais e que saem de casa cada vez mais cedo, quando responderam: *não moro com meus*

pais, no entanto meu responsável conversa sobre sexualidade comigo.

Com isso, observa-se a dificuldade de comunicação das pessoas na era da globalização, que mesmo com o acesso e a diversificação dos recursos tecnológicos as pessoas têm pouco tempo para conversar. Entretanto, pais ou responsáveis têm oportunizado o diálogo com os adolescentes o que é positivo, pois demonstra um processo de conscientização na família. Faz-se necessário salientar que discutir sexo e sexualidade, é adquirir e dividir conhecimento. Na cumplicidade familiar a educação também está presente, mesmo que de forma subjetiva.

Assim, é essencial capacitar as pessoas para aprender durante toda a vida, preparando-as para as diversas fases da existência, o que inclui o enfrentamento da ansiedade e dos conflitos internos que os adolescentes possuem frente ao tema da sexualidade.

O desenvolvimento de ações educativas com adolescentes é um imenso desafio, pois esta clientela encontra-se em uma fase da vida permeada por uma gama de sentimentos exacerbados, tanto nos aspectos físico-psíquicos, quanto afetivos e emocionais.¹⁶

Em se tratando de educação em saúde, o Ministério da Saúde salienta que a mesma é uma prática social, é um processo que contribui para a formação e o desenvolvimento da consciência crítica das pessoas, estimula a busca de soluções e a organização para a ação coletiva. A prática de saúde como prática educativa deixa de ser um processo de persuasão ou de transferência de informação e passa a ser um processo de capacitação de indivíduos e de grupos para a transformação da realidade.¹⁷

Desse modo, esta tarefa deve ser realizada nas escolas, nos lares, nos locais de trabalho e em outros espaços comunitários. As ações devem ser realizadas pelas organizações educacionais, profissionais, comerciais e voluntárias, bem como pelas instituições governamentais.¹⁸

Nesse sentido entende-se que a educação em saúde é medida essencial na evolução da humanidade, e que, portanto, faz-se necessário o incentivo e a adequação das práticas educativas, através de um trabalho multidisciplinar cabendo aos profissionais de nível superior a elaboração, a coordenação e a execução de tais ações.¹⁹

Nesse contexto, a escola pode ser entendida como um pilar na integração entre saúde e educação, uma vez que a interdisciplinaridade de ações permite que seja estabelecida uma

intervenção efetiva e um crescimento mútuo das partes.²⁰

● Os sentimentos dos adolescentes – o ficar e o namorar

Em relação aos sentimentos que os move a relacionarem-se uns com os outros, foi utilizada uma dinâmica denominada fisiologia da paixão, oportunizando aos mesmos a apresentação de seus conceitos a respeito do *ficar*, namoro, casamento, paixão e amor. Foram confeccionados cartazes com palavras que demonstrassem esta fase de paixões, para que cada adolescente expressasse o que pensava a respeito das relações. Na sequência, foi construído um cérebro no quadro negro, para demonstrar através dos lobos nossos sentidos. Nessa dinâmica eles puderam perceber o que é a fisiologia na prática, e que alguns detalhes, como o falar, o sentir, o tocar, o olhar, relacionam-se com nossa estrutura corpórea e com os nossos sentimentos.

Por meio dessa dinâmica, objetiva-se mostrar aos adolescentes que nosso corpo responde ao contato físico e a afetividade, e que mesmo um relacionamento breve pode mexer com os sentimentos do outro. Também se procurou mostrar aos adolescentes que uma relação sem compromisso não os exime da responsabilidade e de precauções, principalmente, quando vivenciam experiências sexuais. Mesmo que não haja um compromisso maior ou sentimentos, como paixão e amor, é preciso ter respeito e amor próprio, sempre enfatizando os devidos cuidados consigo e com a outra parte.

Por fim, em se tratando de uma pesquisa participativa, no quinto momento, foi utilizado um filme que apresentava as manifestações clínicas, a prevenção e o tratamento das IST's.²¹ Posteriormente, os jovens debateram em grupo a respeito das imagens que viram. Para que o ambiente ficasse mais descontraído, foi utilizada música, e, posteriormente, abriu-se espaço, para que os relatores de cada grupo expusessem suas impressões aos demais, encaminhando-se para a síntese da discussão grupal sobre o filme.

Partindo-se do que foi discutido na dinâmica descrita, segundo os adolescentes, o hábito de *ficar* é um relacionamento afetivo bastante popular entre os adolescentes e caracteriza-se por ser breve, passageiro, imediatista, volátil e descompromissado.²² *Ficar* com alguém pode durar uma noite, alguns dias, meses. Esta relação sem compromisso pode ou não evoluir para um namoro. Os *ficantes* não precisam cumprir

com a outra parte, e quanto à questão de sentimentos, a afetividade fica a critério dos mesmos.

Assim, concluiu-se que o *ficar* não é tão recente assim. Nos anos 80, os jovens já se beijavam e não namoravam e o termo *ficar* não existia.²³ Entretanto, o *ficar* nem sempre motivava os adolescentes à relação sexual, diferente do que se percebe nos dias de hoje, onde os amigos, a mídia, a internet levam o adolescente a vivenciar o ato sexual cada vez mais cedo, e o *ficar* sem compromisso intensifica o número de parceiros.

Os adolescentes que estão experimentando o que é uma relação podem sofrer decepções ao longo do processo. E, ainda, pode ocorrer uma relação sexual desprotegida, resultando em uma gravidez precoce que pode ser acompanhada ou não de uma doença sexualmente transmissível (DST). As mudanças que ocorrem na adolescência, por serem relativamente rápidas, costumam trazer uma série de novos comportamentos, muitas vezes turbulentos, podendo trazer efeitos benéficos ou não ao estilo de vida dos adolescentes.²²

Assim como a sociedade atual, os relacionamentos amorosos entre os adolescentes estão sempre sofrendo modificações. Com tantas mudanças, eles ficam inseguros na hora de escolher uma forma de relacionamento afetivo.²⁴ Para o adolescente que está sempre em busca de novidades, conhecer e relacionar-se com o maior número de parceiros é favorável. Não existe responsabilidade, nem horário, muito menos cobrança e fidelidade.

A sociedade transforma-se constantemente. Não há verdades incondicionais, e sim conceitos e verdades particulares. Cada ser é um universo, e cada um cria para si padrões e verdades. Os conceitos aprendidos em família não sobrevivem aos modelos impostos pela sociedade. As relações interpessoais se estabelecem de forma cada vez mais superficial e com interesses particulares. Isso também é válido para o lado afetivo dos jovens.²⁵

CONCLUSÃO

Os encontros incluíram aplicação de questionário, debates grupais, exposição de materiais educativos, filmes, músicas e atividades lúdicas, com o objetivo de aproximação, integração e formação de vínculo. Assim, percebeu-se que houve interação mútua com os adolescentes, e que os mesmos se interessaram pela temática abordada.

Com a realização desse estudo, apesar de negarem no questionário, os adolescentes demonstraram timidez ao abordar questões concernentes à sexualidade, ao relacionamento interpessoal, relação com a família e professores. Porém, no decorrer dos encontros, houve receptividade, participação ativa e compartilhamento de experiências e vivências nos debates grupais.

Os resultados apontaram a desinformação dos adolescentes em relação à prevenção de IST'S, HIV/AIDS e gravidez precoce e que eles não conversam com os pais/famíliares sobre suas dúvidas acerca de sexo/sexualidade. Também consideram importante que haja sentimentos, quando se trata de *ficar* ou namorar alguém e denotaram preconceito e tabus em relação à temática abordada no estudo.

Assim, identificou-se a escola como um cenário em que os jovens vivenciam suas primeiras experiências, como as carícias, o primeiro beijo, e muitas vezes até mesmo o primeiro estímulo sexual. Eles se encontram em uma fase eufórica, experimentando atitudes irreverentes e buscando no outro a sua própria identidade, a sua metade.

Entre as dificuldades encontradas para a realização da pesquisa, destaca-se que, embora os professores da escola queiram que os alunos recebam educação sexual por outros profissionais, há movimentos de resistência e desconfiança por parte dos mesmos. A falta de integração, no decorrer dos encontros, foi notória bem como a não facilitação de horários para o desenvolvimento da mesma.

Recomenda-se então, o desenvolvimento de ações de educação sexual para os adolescentes nas escolas, com a participação do enfermeiro e de todos os atores desse cenário, incluindo professores e família, a fim de que esse ato seja efetivo, e para que haja um compartilhar de ideias e de modos de ensinar e aprender sobre sexo e sexualidade.

REFERÊNCIAS

1. Cury CRJ. Os parâmetros curriculares nacionais e o ensino fundamental. Revista Brasileira de Educação. 1996 Mai/Ago;2:4-17.
2. Mohr A. A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências. Florianópolis: Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina; 2002.
3. Menezes LAM. Orientações Mitológico-Culturais e Representacionais da Sexualidade na Grécia Clássica. 2008 Mar [acesso 2009 Ago 17]. Disponível em: <http://>

www.templodoconhecimento.com/modules/smartsection/

4. Almeida MSR. Sexualidade na sala de aula. 2004 [acesso 2007 Set 05]. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br/art_sexualidade_na_sala.asp.

5. Portal LIG. Família e escola devem falar mais sobre sexo com os adolescentes. 2006 [acesso em 2007 Set 11]. Disponível em: <http://www.ligtv.com.br/saude/>

6. Gauderer EC. Sexo e sexualidade da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1996. 271 p.

7. Pereira ALF. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. Cad Saúde Pública. 2003 set/out; 5(19):1527-534.

8. Brasil. Ministério da Saúde. Normas e manuais técnicos-marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde; 2005. 58 p.

9. Freire P. Conscientização: teoria e prática da libertação. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1980. 116 p.

10. Park P. What is participatory research? A theoretical and methodological perspective. In: Park P, organizador. Voices of change: participatory research in the United States and Canada. The Ontario Institute for Studies in Education: Toronto; 1993.

11. Cabral IE. O método criativo e sensível: alternativa de pesquisa na enfermagem. In: Gauthier JHM, organizador. Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1998. p. 177-203.

12. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos; 1996. [acesso em 2007 Out 10]. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br>

13. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª ed. São Paulo: HUCITEC; 2008.

14. Suplicy M. Conversando sobre sexo. Rio de Janeiro: A autora; 2000. 298 p.

15. Oliveira CB, Frechiani JM, Silva FM, Maciel ELN. As ações de educação em saúde para crianças e adolescentes nas unidades básicas da região de Maruípe no município de Vitória. Rev Ciência Saúde Coletiva. 2009;14(2):635-44.

16. Vernier ETN, Cavalheiro MEH. A metodologia problematizadora em uma vivência de educação em saúde com adolescentes. In: Budó MLD, Beck CLC, Mostardeiro SCTS, organizadores. Interfaces do cuidado, da educação e do trabalho na enfermagem. Santa Maria: FACOS-UFSM; 2005; p. 213-231.

17. Brasil, Ministério da Saúde [homepage da internet]. História do SUS 2006 [acesso em 2006 Fev 28]. Disponível em:

<http://www.sespa.pa.gov.br/SUS/sus/sus.historia.htm>

18. Carta de Ottawa, I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, 1986 [internet]. [acesso em 2008 Set 18]. Disponível em: <http://www.opas.org.br/coletiva/uploadArq/Ottawa.pdf>

19. Carvalho VLS, Clementino VQ, Pinho LMO. Educação em saúde nas páginas da REBEn no período de 1995 a 2005. Rev Bras Enferm Brasília. 2008 mar-abr; 61(2):243-48.

20. Beserra EP, Pinheiro PNC, Barroso MGT. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. Rev Anna Nery. 2008; 12(3):522-28

21. Barraviera SRCS, Barraviera B. DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis. São Paulo: EPUB; 2003.

22. Justo JS. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. Rev Dep Psicol UFF. 2005; 17(1):61-77.

23. Colombo P. Ficar ou namorar? Eis a questão! [internet]. 2009 [acesso em 2009 Ago 18]. Disponível em: <http://pedrocolombo.blogspot.com>

24. Santos IN, Lima JCM, Lopes T, Araújo ED, Vasconcelos EMR, Fernandes BC. Comportamento sexual de adolescentes escolarizados do gênero masculino em Recife. Rev Enferm UFPE on line [periódico na internet]. 2007 Out/Dez [acesso em 2009 Ago 30]; 1(2):139-43. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaenfermagem>

25. Jesus JSO. Ficar ou namorar: um dilema juvenil. Psic [periódico na internet]. 2005 jun [acesso em 2009 Ago 18];6(1):67-73. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/>

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2009/08/31

Last received: 2009/09/19

Accepted: 2009/09/21

Publishing: 2010/01/01

Address for correspondence

Andressa da Silveira

Rua Floriano Peixoto, 361, 402 – Bairro Centro
CEP: 97010-310 – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil